

Batuques

Havia, e há, várias classes de batuques e danças.

1.º — *O incaúio* — Coros e danças dos mungunos, nas grandes solenidades, que só era cantado na grande festa anual dos invasores vátuas.

Abatiam centenas de bois nesta festa e faziam umas cerimónias macabras. Em um curral de gado, que para o vátuas era a sala das grandes recepções, dos grandes acontecimentos políticos e grandes pleitos, metiam umas dezenas de raparigas e rapazes de seis a oito anos de idade, vendavam os olhos a dois velhos de sexo diferente e a rapariga e o rapaz que estes apanhassem eram sacrificados e os seus corações, com o coração de um boi branco, eram cozinhados e comidos pelo chefe da tribo e seus ministros, em cerimónia rigorosa, para lhes dar coragem de verdadeiros guerreiros, e só depois desta cerimónia macabra era cantado o hino dos vátuas — *o incaúio* — e iniciado o grande batuque, começado por prodromos de guerra.

Na Zululândia — em Unduli — no Mussurize, em Chaimite, em Manjacaze e Manguanhana, onde se faziam êsses batuques anuais, eram sempre e rigorosamente praticadas estas cerimónias.

E, caso curioso, os pais das crianças ofereciam à porfia os seus filhos para êste sacrificio!

Esta festa era a mais estrondosa de todos os sertões. Os 500 ou mais bois oferecidos pelo chefe, para esta festa, eram mortos à azagaia e à machadada, esquartejados e dividida a carne pelo povo, sem intervenção dos chefes; era uma rapinagem! De forma que dos cem mil prêtos ou mais, que assistiam à grande festa, oitenta por cento nem chegavam a ver a carne dos bois mortos! Mas ficavam todos satisfeitos!

2.º — *Mutini* — Grande festa e danças dos mungunos onde se praticavam várias cerimónias com a morte de um boi.

3.º — *Mutimba* — Dança das grandes festas dos casamentos mungunos.

4.º — *Chingomana* — Grande batuque dos tongas. Neste batuque há sempre concurso de danças das várias raças que a êle

assistem. O régulo ou chefe dá um prémio ao homem ou mulher que melhor dança. Abatiam muitos bois nesta festa.

5.º — *Galadga - Ingoma - Timbila* — Grande batuque dos bachopis, constituído por tambores (*ingomas*) e grandes batarias de marimbas (*timbilas*). É a festa de maior estrondo que os bachopis de Inharrime, Zavala e Manjacaze, tinham e têm. Estas festas são anunciadas com um mês de antecedência e depois das colheitas. Juntam-se nestas festas muitos milhares de indígenas vindos de toda a parte.

6.º — *Masséssa* — Dança de raparigas tongas e bachopis. Só as raparigas podem dançar. As vêlhas, os vêlhos e os rapazes, são simples espectadores nesta dança.

7.º — *Chinveca* — Dança de rapazes tongas e bachopis. Grande quantidade de rapazes, bem enfeitados, nus da cintura para cima e com muitos guizos nas pernas, no terreiro da povoação em volta de um mastro à laia de mastro de S. João, dançam curvados em passos cadenciados, em fileiras, atrás uns dos outros, tocando uma gaita de caniço e batendo com os pés ao mesmo tempo no chão, fazem um barulho ensurdecador. Em tempo de luar assim se divertem noites inteiras!

Médicos-curandeiros e gagaistas

Existem duas qualidades de médicos: Há os médicos considerados *nhangas*, que noutro capítulo já foi levemente descrita a sua função de médico e cirurgião, acumulando com a função de adivinhador — intrujão —. Há os *nhangas* — *gagaistas* — adivinhadores.

Estes descobrem os feiticeiros e fabricam o *muâve-mondzo*, para a descoberta dos criminosos. Se os outros são intrujões, estes são mais!

O *nhanga-gagaista* fabrica uma bebida de ervas e raízes venenosas a que chama *muâve* ou *mondzo*.

Quando dois individuos, homens ou mulheres, são acusados de um crime, o que está inocente pede ao chefe para que seja aplicada a cerimónia do *mondzo*; o outro aceita para se não denunciar. O chefe avisa o *nhanga* para em certo e determinado dia